

PETER L. EISENBERG

Com o falecimento em Campinas do Professor Peter Louis Eisenberg, não apenas o Departamento de História da UNICAMP, mas a própria historiografia brasileira, perde um dos seus grandes estudiosos e um dos seus mais operosos mestres. Deixou numerosos trabalhos de alta qualidade científica. Eisenberg preparava sua tese de livre-docência, intitulada **Da agricultura de subsistência para a lavoura de exportação: Campinas. 1765-1830**. Profundo conhecedor dos arquivos campineiros, nos quais pesquisava há muitos anos, publicou diversos artigos em revistas especializadas. Tendo nascido nos Estados Unidos, estava há muitos anos no Brasil.

*

BAURU PESQUISA SUA HISTÓRIA

A pouca informação sobre a própria história é um dos problemas cruciais do povo brasileiro. Conhece-se apenas a história oficial e informações esparsas sobre acontecimentos históricos estaduais e, principalmente, municipais. Bauru é um dos poucos municípios brasileiros a possuir um serviço especializado, funcionando ininterruptamente no levantamento de fatos e documentos sobre o passado da cidade e região, e oferecendo gratuitamente o seu acervo àqueles que ali se interessarem em pesquisar. É o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru, mantido pela Universidade do Sagrado Coração, desde outubro de 1983.

Embora exista oficialmente há menos de cinco anos, o núcleo é o resultado de mais de quatro décadas de pesquisas e coleta de acervo executadas pelo seu coordenador, jornalista e historiador Gabriel Ruiz Pelegrina. Tudo começou em 1946, quando Pelegrina ocupava-se com a leitura de jornais antigos. Não demorou, também começou a escrever sobre a história local e regional, valendo-se de informações obtidas junto a pioneiros, ainda vivos. Por mais de trinta anos colaborou com diversos jornais e revistas, e foi enchendo as prateleiras improvisadas de um quartinho no fundo de sua casa com fotografias, recortes, coleções de jornais e revistas e documentos históricos. Acidentalmente, no começo de 1983, o professor Muricy Domingues, da universidade, conheceu o acervo e tiveram início as conversações para sua absorção pela instituição de ensino.

Chamado pela reitora, Irmã Elvira Milani – recorda Pelegrina – não nutria muita esperança quanto ao empreendimento, mas sua opinião logo mudou ao ser indagado sobre o espaço, a relação de móveis e o pessoal necessários. Um mês depois tudo estava pronto, numa

das dependências da biblioteca e para ali foram transportados milhares de documentos, mais de 600 fotografias e coleções de jornais e revistas editadas a partir de 1908. Com o apoio estrutural da organização de ensino, o trabalho passou a caminhar rapidamente, porque, como ele própria acentua, “é muito mais fácil conseguir informações e documentos para um órgão oficialmente reconhecido do que para o nosso arquivo particular”.

Afora as informações conseguidas através de depoimentos, Pelegrina e sua equipe tem procurado documentos que, em alguns casos, chegam a provocar revisões em informações tidas como de domínio público que, de boca em boca, as novas gerações vieram a conhecer de forma distorcida. Os arquivos de repartições, cartórios e os particulares franqueados pelos proprietários têm sido visitados e o resultado é, sem dúvida, o enriquecimento diário dos lances que compuseram a história local, desde a chegada dos desbravadores, em meados do século passado.

Paralelamente à pesquisa histórica pura, os alunos do primeiro ano de diversos cursos mantidos pela instituição realizam um levantamento envolvendo pesquisas de campo e entrevistas sobre um personagem da cidade. Tanto pode ser alguém do passado como um contemporâneo que exerça com destaque algum tipo de atividade pública, filantrópica, esportiva ou na iniciativa privada. É o projeto “Memória Cultural”, que já produziu monografias sobre mais de 500 personalidades, todas já à disposição dos interessados em pesquisá-las.

Frutos de seus registros, o Núcleo de Documentação já publicou duas monografias versando sobre o escritor Ivan Engler de Almeida e os irmãos Salvador, João e Antônio Ponce Paz, artistas octogenários que sempre viveram na cidade. Tais livretos fazem parte da coleção “Bauru Sempre”, que no próximo número focalizará a música através dos já falecidos professores e maestros Efisio Aneda, Miguel Ângelo Ruiz e Guilherme Barbieri. Em colaboração com Nadyr Nascimento Serra, outro antigo jornalista local, Pelegrina publicou no ano passado um ensaio sobre os oitenta e um anos da imprensa bauruense, de 1906 a 1987. Já se encontram em fase final de preparo os livros “História do Entrocamento Ferroviário de Bauru” e “Reminiscências-I” e em elaboração o “Livro dos Espanhóis” com informações sobre as seiscentas famílias espanholas radicadas na cidade, até a terceira geração, o “Calendário de Bauru”, reunindo mais de mil acontecimentos importantes e “Cem anos de administração pública”, contendo notas e atos oficiais desde 1889, quando o município foi instalado em sua sede original, em Espírito Santo da Fortaleza”, lugarejo hoje absorvido pela zona rural de Agudos.

O Núcleo possui, ainda, farto material sobre as revoluções de 30 e 32, o transporte ferroviário, a aviação no interior e outros temas que têm servido até para elaboração de monografias universitárias. O

funcionamento do “Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru” é de segunda a sexta-feira, das 8 às 17h30min, rua Irmã Arminda, 10-50.

(Nota de Jair Aceituno, em “O Estado de S. Paulo”, 17-4-188).

Nota da Redação. Há alguns anos, pouco após o falecimento do saudoso jornalista José Fernandes, fundador e diretor por muitos anos do jornal “Correio da Noroeste”, de Bauru, o responsável por esta publicação (que, na época, ainda não existia) foi convidado pela família Fernandes para examinar o rico acervo documental de interesse para a história de Bauru, deixado pelo jornalista, que, aliás, sempre se mostrou vivamente interessado pela história da cidade, reunindo, ao longo de sua vida precioso material como pôde ser constatado na ocasião. O responsável por esta publicação chegou a oferecer à família um plano para o aproveitamento sistemático do referido acervo. Circunstâncias diversas, que não vêm a pelo mencionar, determinaram a interrupção do trabalho planejado, o que se agravou mais ainda com a mudança da família de José Fernandes de Bauru e, pouco depois, o falecimento de sua viúva. Seria interessante conhecer-se o paradeiro deste precioso acervo. Teria sido incorporado ao “Núcleo”, aqui registrado? ou teria sido entregue a algum particular, desses que sempre existem em todas cidades, interessados em coisas de seu passado, e sem cuja contribuição ninguém poderá pesquisar a história local, conforme já temos tido provas em diferentes cidades cuja história pesquisamos? Enfim... os tais “homens-arquivos”, a que se referia Tocqueville. ONM

*

PERDE A “CAMPINENSE” O SEU FUNDADOR

Com o falecimento de Francisco Ribeiro Sampaio na tarde do dia 7 de maio, perdeu Campinas um dos seus grandes valores. Moral e culturalmente falando. Não era campineiro, mas era como se o fosse, tanto amou esta cidade, e tanto trabalhou por ela. Nascera em Santa Rita do Passa Quatro, a 17 de maio de 1909. Por dez dias teria completado setenta e nove anos. Vivia em Campinas desde o final da década de 30, a princípio como professor de nosso tradicional Ginásio do Estado (o “Culto à Ciência”) e, depois na Universidade Católica.

Nas duas instituições regeu os cursos de Língua Portuguesa, angariando merecida fama de grande professor. Cultor exímio e dedicado da língua, teve, todavia, espírito aberto para outras áreas do saber, do que tive prova nos quase trinta anos em que convivemos, de início na Universidade e, depois, na Academia Campinense de Letras, instituição de que foi fundador e grande animador. Escolheu com critério o grupo inicial do sodalício e presidiu-o por vários anos. Em reconhecimento, a Academia erigiu-lhe o busto quando da inauguração da nova sede e fê-lo presidente